



PÓ DE PALCO

A REALIDADE ACTUAL E FUTURA EM DUAS PEÇAS NO TEATRO VIRIATO

A tensão entre a realidade e a ficção é a essência do teatro. Nas duas últimas semanas, o Teatro Viriato apresentou duas peças que pela sua actualidade levam essa tensão ao limite. A primeira, no dia 4 de Novembro, foi "A Nossa Vida", texto e encenação de Mickaël de Oliveira, pelo Colectivo 84, com interpretações de Ana Bustorff, Afonso Santos, Beatriz Maia, Diana Sá, Jani Zhan, Luís Araújo, Paulo Pinto e Siobhan Fernandes. Uma co-produção e circulação do Teatro Viriato, Teatro Académico Gil Vicente, Cineteatro Louletano, Teatro Aveirense, Teatro José Lúcio da Silva, O Espaço do Tempo e Teatro Nacional S. João. "A Nossa Vida" é o segundo episódio do díptico "Episódios da Vida Selvagem", uma reflexão sobre o futuro próximo da Humanidade a contos com as alterações climáticas que colocam em risco a sua própria extinção. Um cenário simples: uma mesa comprida e um quadro branco. À volta da mesa, as personagens, membros de um concelho de cidadãos de uma cidade ameaçada de desaparecer, mais em pé do que sentados, devido ao dramatismo da situação, discutem as duas propostas para se salvarem. As opiniões dividem-se. Uns apoiam o êxodo, o abandono da cidade, procurando refugiar-se noutra local longínquo, mesmo correndo o risco de morrerem muitos pelo caminho. Outros defendem a guerra de anexação de uma cidade



Foto: Carlos Fernandes

vizinha. No quadro apontam os riscos de uma e outra das soluções. Argumenta-se e discute-se com mais ou menos nervosismo à mistura com ambições pessoais, identitarismos e problemas familiares. Uns preferem arriscar a travessia do deserto, mesmo sabendo que muitos perecerão, do que fazer a guerra com vizinhos inocentes. O mais calmo, o presidente do concelho de cidadãos evita emitir a sua opinião, mas a irmã, a mais extremista de todos, desafia-o a ficar e lutar pela terra que foi dos seus pais, os fundadores da cidade (a lembrar-nos a "terra prometida" por Deus aos

antepassados dos judeus, argumento sionista para a colonização e massacres de palestinos há mais de 75 anos). Contados os votos, ganha a guerra por um voto, mas o presidente tem direito a dois e quando decide pelo êxodo, a irmã, sentindo-se traída, mata-o. A mesma tragédia grega que estamos a ver no Médio Oriente (um povo abusado que se transforma em abusador). Um texto deveras interessante e actual, com uma interpretação que nos pareceu pouco convicta.

A outra peça que subiu ao palco no dia 10 de Novembro, também numa co-produção do Teatro Viriato, foi "A Missão" (

"Memória de uma Revolução") de Heiner Müller, pelo Teatro da Cidade, numa encenação colectiva. Tida como um "clássico moderno" sobre a ética política e social, é um texto algo hermético que não é fácil de representar e de assimilar na sua complexidade. O governo saído da Revolução Francesa envia agentes para a Jamaica a fim de organizarem uma revolta de escravos, mas Bonaparte dissolve o Directório com um golpe militar e a missão é abortada, colocando àqueles questões éticas e políticas. No centro do palco, umas escadas "contínuas", tipo Escher, vermelhas, da cor do sangue, substituem o elevador previsto no original, no qual uma das personagens tem um monólogo, que aqui perde o carácter claustrofóbico de quem quer subir ao encontro do chefe e desce em vez de subir, nunca mais lá chegando. Esteve bem Guilherme Gomes na pele de Debuissou, com a sua excelente dicção a contrastar com a de Danillo da Matta, como Sasportes, o filho da escravatura, que no entusiasmo da fala, acelerou a voz ao ponto de parecer sofrer de taquifemia, dificultando a compreensão do público. Fica a mensagem de Müller: questionar a legitimidade dos europeus ao quererem impôr aos povos (neo)colonizados um qualquer regime submisso, através da guerra e de golpes militares, como temos vindo a presenciar.

TUDO COMEÇA AGORA, O NOVO CD DE CARLOS PENINHA

O visense Carlos Peninha, multi-instrumentista, co-fundador do Quinteto de Jazz de Viseu, há longos anos, e organizador dos Primeiros Encontros de Jazz de Viseu, que já colaborou com músicos de gabarito como João Loio, Luis Pastor e Zeca Medeiros, acaba de lançar o seu terceiro CD em nome próprio. Depois de "Tocar o Chão" (2017) e "Ponto de Vista" (2019), surge agora com "Tudo Começa Agora" (2023), mais uma vez com o apoio do Município de Viseu. Se o primeiro CD revelou uma "música desengaiolada de estilos" e "uma patente sonora-poética multicultural", como escreve na capa



José Rui Martins, ao referir-se aos textos de grandes poetas portugueses e ainda de Amílcar Cabral, Teodomiro Leite de Vasconcelos e Luis Pastor (para além do próprio

Peninha), musicados com invulgar sensibilidade melódica, já o segundo e terceiro surpreendem pelas extraordinárias composições de quem domina todas as cores da paleta musical e as sabe combinar com raro bom gosto e beleza harmónica. E sempre rodeado de alguns dos melhores músicos nacionais. Em "Ponto de Vista" com o grande João Mortágua nos saxofones, Miguel Ângelo no contrabaixo, Marcos Cavaleiro na bateria e Luísa Vieira na flauta transversal e na voz (com uma interpretação magnífica do tema "Start Again"), para além do próprio Carlos Peninha, nas guitarras e Rhodes.

No CD "Tudo Começou Agora", os músicos têm menos espaço para as improvisações, devido aos arranjos de cordas de Manuel Maio, que embelezam as já por si belíssimas composições de Peninha. Mais uma vez, músicos de primeira categoria: Luísa Vieira (flauta transversal), Rodrigo Neves (sax alto e soprano), Miguel Ângelo (contrabaixo), Leandro Leonet (bateria), Manuel Maio (violinos), Vincent Brunel (viola de arco), Miguel Ângel González (violoncelo) e, claro, Carlos Peninha (guitarra eléctrica). Uma boa prenda de Natal!

Carlos Vieira e Castro

ESPECIALISTAS AVALIAM POTENCIALIDADES DA MARCA VOUZELA



MUNICÍPIO QUER TRANSFORMAR ANTIGA FOTO BATALHA EM MUSEU E CAFÉ-CONCERTO

Via Rápida

QUINZENÁRIO DA REGIÃO DE VISEU

16/11/2023 • PREÇO: 0,50 € (IVA incluído)

SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS • Directora: TERESA CARDOSO • ANO XXX • Nº 716

Autorizado a circular em invólucro fechado Despacho DE 0464 - 2005 - DCN

PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU CELEBRA 44 ANOS A PROJETAR-SE PARA AS FUTURAS GERAÇÕES